

Blog sobre língua e literatura latino-americana.

**quarta-feira, 3 de fevereiro de 2016**

**Exercícios feitos sobre Sociolinguistica do livro Manual de Linguística, de Martelotta**



**1. Caracterize a área de estudos denominada de sociolinguística.**

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma.

Ela parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística; o estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para mudança.

A sociolinguística é comumente denominada de “variacionista” e possui uma metodologia bem delimitada que fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis, para coleta e codificação dos dados. A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece.

**2. Quais são os três tipos básicos de variação linguística? Cite exemplos no nível fonético-fonológico.**

**A)** Variação regional: associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes; a variável geográfica permite opor, por exemplo, Brasil e Portugal.

Ex: A pronúncia da palavra “morena”, com a vogal pré-tônica aberta no Nordeste e fechada na maior parte do Brasil. Também exemplo de como se nomeia algo, como exemplo: “jerimum” na Bahia e Abóbora no Rio de Janeiro.

**B)** Variação social: associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis, como faixa etária, grau de escolaridade, procedência, etc.

Ex: A alternância de [l] VS. [ɾ] dos grupos consonantais do português: “c[l]aro” ~ “c[ɾ] aro”, “bicic[l]eta” ~ bicic[ɾ]eta”. A forma não padrão [ɾ] é usada pelos falantes das classes menos favorecidas e com baixo grau de escolaridade.

**C)** Variação de registro: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta, etc.

Ex: A utilização de pronomes de tratamento, como Sr., Srª., Dr., e Drª antes dos nomes em emails e cartas. Os jargões próprios de cada profissão**:**“Barriga” para se comunicar entre jornalistas e “matéria com informações falsas ou erradas” para se comunicar com outras pessoas.

**3. Cite algumas variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem explicar o uso das variantes do fonema /r/ em português em posição pós-vocálica (final de sílaba).**

O “r” final que ocorre em palavras como “cantar”, “flor”, “der”, “qualquer”, “melhor” tem diversas variantes fonéticas no Brasil: a) a pronuncia vibrante alveolar do Sul do Brasil; b) a pronúncia retroflexiva (com a ponta da língua voltada para trás) do interior de estados como São Paulo; c) a pronúncia velar do Rio de Janeiro, por exemplo; d)a fricativa glotal e e) zero, ou seja, a ausência de som.

As variáveis linguísticas podem ser (1) a classe sintática da forma em –r: verbo, nome, adjetivo, outros; (2) no caso do verbo, a classe modo-temporal: infinitivo, subjuntivo; (3) ainda no caso de verbo, a vogal temática indicadora de conjugação: -a, -e, -i, -o; (4) a variável extensão, com variantes: monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo.

As variáveis extralinguísticas envolvem: a) gênero, com as variantes masculino e feminino; b) idade, com as variantes: a criança, jovem, adulto, velho ou uma escala de idade.

Pesquisas mostram que o “r” final de verbo no infinitivo é, na maioria das vezes, mais eliminado da fala de informantes de todos os graus de escolaridade do que o “r” final de substantivos e adjetivos. A variável escolaridade, por exemplo, é relevante para descrição do fenômeno, dado que os falantes com mais tempo de escolarização tendem a manter o “r” mais do que analfabetos. Ambos os grupos tendem a manter mais no dos substantivos do que com verbos.

O grau de formalidade do item é um fator relevante: o “r” final de um verbo menos usado, como “postergar”, tem maior chance de ser pronunciado do que um verbo do dia a dia, como “falar”. Com efeito, a presença de um fonema vocálico na palavra seguinte favorece a manutenção do fonema consonantal por um processo de reorganização da sílaba, como em “pega**r a** criança”, enquanto um som consonantal desfavorece a presença dessa variante de prestígio, como em “toma**r** **b**anho”.

**4. Cite um exemplo em que fique claro que há uma relação intrínseca entre língua e sociedade.**

O indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí resultam várias semelhanças entre o modo como ele fala a língua e o modo dos outros indivíduos. Nas comunidades organizam-se agrupamentos de indivíduos constituídos por traços comuns, a exemplo de religião, lazeres, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão e sexo.

Podemos citar um exemplo em que ocorra uma variação linguística em três níveis, que começa numa determinada região (variável regional), mas é própria de um grupo socioeconômico desfavorecido (variável social), e que essa variação ainda pode ser usada pelo grupo socioeconômico mais alto nos momentos mais informais (variável de registro).

Podemos ver esse tipo de ocorrência no uso do “tu” x “você” com o verbo na terceira pessoa do singular: “tu fez”, “tu quer”.
Do ponto de vista regional, podemos dizer que há cidades, como o Rio de Janeiro, que apresentam tanto a variante “você” quanto a variante “tu”; a variável idade aponta a preferência de jovens pelo uso de “tu”, e a variável escolaridade a associa com os menos escolarizados; já a variável registro mostra que o pronome “tu” tende a ser usado nos momentos mais informais.

**5. Diferencie variação estável de mudança em curso. Que recursos metodológicos o linguista pode utilizar para afirmar se um fenômeno linguístico é caso de mudança em curso?**

A variação é reconhecida como existindo dentro do sistema linguístico. A teoria recebeu reformulações, reduzindo o peso do social para destacar as motivações essencialmente linguísticas. Os resultados da análise de variantes podem definir suas situações:

a) a existência de estabilidade entre variantes;
b) a competição entre as variantes com aumento de uso de uma das variantes.

No primeiro caso, diz-se que ocorre variação e no segundo, mudança em curso. A variação é facilmente detectada, pois para ela ocorrer é necessário simplesmente o favorecimento do ambiente linguístico. Já para ocorrer uma mudança linguística, no entanto, é necessária a interferência de fatores sociais, refletindo as lutas pelo poder, o prestígio entre classes, sexos e gerações.

Ao analisar o momento atual de uma língua, é difícil dizer se um determinado fenômeno linguístico é um caso de variação estável ou de mudança em curso.

Os sociolinguistas têm uma metodologia para dizer se uma forma está ou não vencendo outra forma mais antiga. É possível analisar o tempo real ou o tempo aparente. O tempo real é observado através da pesquisa de duas ou mais épocas, sendo ideal o estudo de dois momentos que se distanciam no mínimo em 12 anos e no máximo em 50 anos. O linguista pode gravar informantes e revisitá-los anos mais tarde para ver concordância verbal, uso de pronomes, pronúncia, etc.

Pode também comparar gravações de entrevistas atuais com entrevistas dadas em rádio há várias décadas. Pode comparar dados de textos antigos, observar atlas linguísticos, estudar as descrições feitas por outros linguistas ou gramáticos. Ele terá, assim, diversos meios de verificar se duas formas estão em variação ou se são um caso de mudança.

**6. Qual o papel da variável gênero (sexo) na metodologia sociovariacionista?**

Um exemplo para ilustrar a relação entre sociedade e linguagem é a diferença entre os falantes do sexo masculino, de um lado, e os sexo feminino, de outro. Nas sociedades em que as funções entre homens e mulheres são muito distintas, os falantes de um e outro sexo falam dialetos bastante diferenciados, como é o caso de línguas de várias partes do mundo. Uma das razões desta diferenciação é reportada ao tabu: determinadas palavras só podem ser proferidas pelos homens e outras, apenas pelas mulheres.

Por exemplo, em zulu, uma língua falada na África, a mulher é proibida de dizer o nome do sogro, o nome dos irmãos deste e o nome do genro, quer estejam vivos ou mortos, e também não pode falar uma palavra semelhante ou derivada: uma mulher cujo genro chama-se *Umánzi*com o radical *mánzi* (água), por exemplo, deverá evitar todos os vocábulos em que se apresenta a palavra *mánzi*e os complexos fônicos semelhantes.

Nas sociedades em que as funções sociais entre homens e mulheres se aproximam, a diferença de linguagem de um e outro é menos nítida, mas existe. Por exemplo, em nossa língua, o marido pode dizer “Esta é minha mulher”, já a mulher deve evitar a frase “Este é o meu homem”, que, em determinados contextos, soa vulgar.

Pesquisas mostram que as mulheres tendem a usar as formas padrão de uma língua com maior frequência do que os homens. Há muitas tentativas de explicação para a diferença, nenhuma totalmente convincente ou suficiente. Segundo alguns estudiosos, isso se dá porque, dentre outros fatores, da mulher é cobrado um comportamento mais rígido, em conformidade com as normas, em todos os sentidos, inclusive no que se refere ao comportamento linguístico.

**7. Para se estudar a mudança linguística, o pesquisador pode fazer um estudo em tempo real ou em tempo aparente. Qual a diferença entre os dois métodos de pesquisa?**

Ao analisar o momento atual de uma língua, é difícil dizer se um determinado fenômeno linguístico é um caso de variação estável ou de mudança em curso. Os sociolinguistas têm uma metodologia para dizer se uma forma está ou não vencendo outra forma mais antiga. É possível analisar o tempo real ou o tempo aparente. O tempo real é observado através da pesquisa de duas ou mais épocas, sendo o ideal o estudo de dois momentos que se distanciam no mínimo em 12 anos e no máximo em 50 anos.

O linguista pode gravar informantes e revisitá-los anos mais tarde para ver como é o comportamento de determinadas variáveis, como concordância nominal, concordância verbal, uso de pronomes, pronúncia, etc. Ele terá, assim, diversos meios de verificar se duas formas estão em variação ou se são um caso de mudança.

Muito comum também é a técnica de estudo do tempo aparente: o linguista grava amostras de informantes de diferentes faixas etárias para observar se uma dada forma ocorre mais na fala de crianças e jovens do que na de adultos e idosos. Um uso muito elevado de ocorrência da forma nova na fala de jovens pode indicar mudança em curso.

**8. Cite alguns grupos de pesquisa que fazem estudos sociovariacionistas no Brasil.**

Os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística são trabalhadas em diversos centros de pesquisa no mundo. No Brasil, as pesquisas nessa linha começaram a ser desenvolvidas na década de 1970, através da atuação de alguns grupos de pesquisadores, a saber: o grupo do projeto Mobral Central, o grupo do projeto da Norma urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (Nurc) e o do projeto Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro (Censo).

Hoje, em várias universidades brasileiras, há grupos que seguem os pressupostos teórico-metodológico da sociolinguística, como o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul), continuidade do Projeto Censo, o próprio Nurc – na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o projeto de Variação Linguistica da Região Sul do Brasil (Varsul) – na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

 **9. Compare os contextos fonéticos em que ocorrem os sons [t] (som alveolar) e [tj ] (som africado) no Rio de Janeiro. Qual a regra que descreve a variação entre o som alveolar e o africado nessa cidade? Observe nos exemplos a seguir que o mesmo tipo de variação também ocorre em [d] e [d3].**

**time [ ' tf imi] teto ['tetu]
tolo ['tolu]
tive [ ' t j ivi]
tudo ['tudu]
dito ['d3itu]
dedo fdedu ]
adiado [ad3i'adu]**

O que ocorre é a palatalização do /d/ e /t/ para as africadas palato alveolares [d͡ʒ]e [t͡ʃ] quando antes de /i/.

Como ocorre em dito [**‘** d͡ʒitu] e em adiado [ ad͡ʒi’adu]
E também em tive [t͡ʃivi] e em time [t͡ʃimi]

Além do fato de o dialeto fluminense ter a tendência de reduzir as vogais /e/ e /o/ para /i/ e /u/ quando átonas.

fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dialeto\_carioca

**10. Compare a produção oral com a escrita de um mesmo informante (Valéria, nível superior incompleto).
Apresente algumas das diferenças entre as duas modalidades (variação de registro).**

**FALA**

**E: eh::... e::... agora eu queria que você me contasse uma história... que tenha acontecido com alguém... algum amigo seu... seu pai... seu irmão... que você não estivesse presente... alguém te contou... e que você achou a história engraçada... [ou triste ou/]**

**I: [ahn... ahn]... ah::... essa eu... eu me lembro sim... achei tão engraçada... foi um ami/ um noi/ não... um amigo de um amigo meu... que foi jantar na casa da noiva... aquele jantar assim... primeira vez e tal... oficializar o noiva::do... aí ele::... estava jantando e tal... ele... ele já não gosta muito de bife... de carne... aí estava lá... não conseguia partir o bife de jeito nenhum e tal... aí ele chamou a atenção do pessoal... pra uma outra coisa... entendeu? apontou assim pro**

**outro lado da mesa... e ele viu que tinha uma janela atrás ((riso de E)) ele pegou o bife e tacou ((riso)) mas ele não reparou muito... a janela estava fechada... ((riso)) sério... o bife saiu... bateu na janela... e começou a escorrer... grudou... escorreu... quando eu (ouvi) ele contando aquilo... cara... eu dei/ muito... foi muito engraçado ele contando... ele contando o que aconteceu com ele... cara... foi muito engraçado... E: e ninguém viu... que o bife/**

**I: não... aí depois... todo mundo olhou... ele viu que o bife/ o bife ali... a família toda sem graça ((risos)) aí (é) o fim da história...**

**E: e ele casou com a menina ou naquele dia acabou?**

**I: não... não casou... não chegou a casar com essa não... foi casar com uma outra ((riso))**

**ESCRITA**

**Um conhecido meu foi jantar na casa da noiva, era o primeiro jantar com a família toda reunida, foi servido bife, sendo que o Ricardo não gostava muito de carne e ainda por cima o bife estava duro, que mal dava para partir.**

**Atrás do Ricardo havia uma janela, aproveitando a oportunidade em que todos olhavam em sentido oposto, não pensou duas vezes, fincou o garfo no bife e o arremessou para trás, ele só não contava com a janela fechada. Foi uma vergonha, quando todos viraram para frente e viram a janela suja de gordura e o bife no chão, o Ricardo só quis abrir um buraco no chão e se enfiar.**

**Não sei se foi por isso, mas o Ricardo não se casou com a Roberta.**

**(Corpus Discurso & Gramática, RJ)**

O contexto situacional é responsável por uma série de variações linguísticas. Dependendo da situação em que falante se encontre, ele utiliza mecanismos linguísticos diferentes para se expressar. Assim, a sua linguagem apresenta diferenças lexicais, gramaticais e fonéticas distintas devido ao contexto, ao ouvinte ou ao meio através do qual a informação é transmitida (fala ou escrita, carta, email, artigo, etc.)

Cada pessoa tem um enorme repertório linguístico que a torna capaz de adaptar sua linguagem às diferentes situação vividas.

Bibliografia: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

<http://letrasunilabilingue.blogspot.com/2016/02/exercicios-sobre-sociolinguistica-do.html>